
Editorial

A transição para uma Agricultura Urbana Ecológica: um desafio

Eric Goewie

Wageningen University, Holanda

Moniek van Hirtum e **René van Veenhuizen**

ETC-RUAF, Holanda

Yilma Getachew

Consultora em Agricultura Urbana, Etiópia

A agricultura ecológica é considerada especialmente apropriada para o ambiente urbano. O debate sobre a introdução de práticas ecológicas nos contextos rurais é intenso, embora pareça que a coexistência da agricultura convencional e da agricultura ecológica, em uma combinação adequada, seja a melhor opção. Isso nos leva à pergunta se é possível aplicar os mesmos argumentos ao contexto urbano, e que lições podemos aprender com a agricultura urbana.

As idéias sobre a agricultura ecológica diferem e existem vários conceitos (por ex. a agricultura ecológica ou urbana, a permacultura, a agricultura biodinâmica etc.). Sua definição mais simples é que se trata de uma "agricultura sem o uso de insumos químicos (por ex. fertilizantes sintéticos, praguicidas, herbicidas, hormônios, antibióticos etc.). Porém outros vêem mais como a aplicação de práticas ecológicas para manter a fertilidade do solo, para manejar a saúde dos cultivos e dos animais, e mesmo como forma de vida baseada na produção e consumo de alimentos mais saudáveis. (Para mais informações sobre os conceitos, ver artigo de E.A. Coewie) Porém a discussão que apresentamos neste número não se refere a definições, mas se centra mais propriamente no processo de "ecologizar" a agricultura urbana e a sua importância para um desenvolvimento urbano sustentável.

Por que a agricultura urbana ecológica?

"Ecologizar" a agricultura urbana é um tema importante por várias razões. A proximidade das áreas agrícolas urbanas com relação às grandes concentrações populacionais e às fontes de água potável implica na necessidade de se minimizarem os riscos para a saúde e para o meio ambiente associados com a agricultura urbana. A transição para uma agricultura urbana ecológica eliminará o risco de contaminação do solo, da água e dos produtos alimentícios por resíduos de agrotóxicos, hormônios etc., bem como outros efeitos prejudiciais típicos da agricultura convencional.

Alguns produtores urbanos podem adotar práticas ecológicas por causa das preocupações relacionadas com o meio ambiente ou por vê-las como um estilo de vida. Outros podem mudar sua atividade para a agricultura ecológica por razões econômicas. Quando as tecnologias são entretanto predominantemente tradicionais, a introdução de práticas ecológicas modernas pode efetivamente aumentar a produção. Nos casos em que já são aplicadas quantidades consideráveis de insumos químicos, a introdução de práticas ecológicas pode reduzir os custos de produção pela economia em insumos químicos e provavelmente reduzir também a produtividade, pelo menos em um primeiro momento, em uma situação que algumas vezes não foi escolhida voluntariamente, mas imposta pelas circunstâncias, como no caso de Cuba,. No ambiente urbano, também existem nichos de mercado para os produtos cultivados organicamente.

Também é possível que algumas pessoas decidam-se por praticarem algum tipo de agricultura ecológica por que estimula a reciclagem dos resíduos orgânicos urbanos e se adapta bem às estratégias modernas de saneamento urbano (saneamento

ecológico). A agricultura ecológica está melhor adaptada que a agricultura convencional para se combinar com outras funções, como atividades de lazer, manejo paisagístico, proteção da biodiversidade, educação dos jovens, regeneração de áreas degradadas, etc. Mesmo que a agricultura urbana ecológica não seja a solução final para a degradação ambiental e para a decadência econômica, nem seja o fim da pobreza, é uma forma positiva e adequada de ver o desenvolvimento (urbano) sustentável, de trabalhar com a natureza, e vale à pena promovê-la ativamente.

A transição para a agricultura urbana ecológica

Porém como se pode realizar essa transição para agricultura urbana ecológica? Quais passos devemos dar? Quais estratégias podem ser aplicadas de forma bem sucedida? E quais são as principais limitações com as quais devemos lidar?

A introdução da agricultura ecológica no ambiente rural enfrentou várias limitações, incluindo a oposição a um alegado "caráter ideológico" da agricultura ecológica, a falta de consciência no nível normativo, a falta de informações e de assistência técnica apropriadas para os agricultores urbanos, razões técnicas (por ex., a falta de materiais orgânicos), razões econômicas (por ex., a necessidade de mais mão-de-obra), etc.

Os profissionais urbanos podem aprender importantes lições do que está acontecendo nas áreas rurais. Porém as limitações e oportunidades para "ecologizar" a agricultura urbana podem ser diferentes das que se aplicam na agricultura rural, já que as condições locais são bem diferentes.

Algumas dessas diferenças são:

- Os agricultores urbanos podem estabelecer relações mais diretas com os produtores e vice-versa;
- Têm mais acesso aos materiais orgânicos e às águas servidas descartados pelas cidades;
- Dispõem de menos terra;
- Têm mais dificuldades para integrar a agricultura com a criação de animais e para produzir adubos pela compostagem do estrume animal; e
- A maioria dos agricultores urbanos se dedica à atividade por escolha ou necessidade, enquanto que a maioria dos agricultores rurais o faz por terem nascido no campo, de famílias camponesas.

É necessário que sejam desenvolvidas políticas e estratégias de apoio adequadas, que possam incluir a entrega de informações, aos agricultores urbanos, sobre as práticas da agricultura ecológica, o apoio à criação de instalações descentralizadas de compostagem, a criação de mercados de produtores, modificar as políticas de estímulo ao consumo de insumos químicos por outras que estimulem a compostagem e a fertilização natural dos solos, a prevenção e o combate às pragas por métodos naturais, e promover pesquisas que incluam ações participativas, sobre os problemas técnicos enfrentados pelos agricultores e horticultores urbanos. Essas políticas levariam gradualmente a uma forma mais ecológica de praticar a agricultura, que estaria ao alcance de todos os agricultores urbanos, e seria um passo avançado no cultivo de alimentos saudáveis por pessoas saudáveis, em cidades saudáveis.

Os principais temas discutidos

Nesta edição começamos com uma discussão dos conceitos, uma revisão das experiências da transição para a agricultura ecológica obtidas no ambiente rural, e a identificação de diferentes formas de agricultura ecológica (Goewie). Getachew usa

o conceito etíope para ressaltar diversos conceitos e aspectos da agricultura ecológica e técnicas adequadas, enquanto Darso et al. ilustram as percepções que os agricultores, os planejadores e os consumidores, em Gana, têm da agricultura ecológica.

Em seu artigo, Santandreu e Dubbeling adotam uma perspectiva mais ampla ao explorarem os vínculos com a biodiversidade e a redução da pobreza na América Latina. A permacultura, ou agricultura permanente, vai ainda mais além: basicamente os alimentos são cultivados de acordo com os princípios ecológicos, porém com algumas especificidades fundamentais. A permacultura promove ativamente as estruturas de intercâmbio entre as comunidades locais e o auto-abastecimento. Isso leva à discussão para além da simples ecologização da agricultura. Estar fortemente integrada à sustentabilidade, e enfatiza os aspectos social e econômico das coisas (ver a experiência de Cuba).

Os benefícios ambientais obtidos com a agricultura ecológica são bastante óbvios, por causa da não uso de agrotóxicos e pelo manejo cuidadoso e natural dos solos e dos animais.

Alguns autores alegam que a agricultura urbana ecológica também pode ser uma solução para os problemas sociais e econômicos. Algumas organizações promovem ativamente a agricultura ecológica como uma forma de desenvolvimento comunitário (o artigo de Abalimi descreve o impacto positivo nas comunidades de Cape Flats, África do Sul). As pessoas dedicam-se a cultivar alimentos saudáveis e aprendem a colaborar e a comercializar seus produtos. A agricultura ecológica pode ajudar as pessoas a recuperarem o controle sobre suas próprias vidas, assim como sobre a produção de seus próprios alimentos.

Pode reviver antigos conhecimentos e junto com a introdução de novas técnicas, revitalizar a cultura local. Na Costa Rica, os estudantes participam de projetos de agricultura urbana orgânica como parte de seus estudos, entrando em contato com as comunidades locais.

Vários autores indicam que um dos principais obstáculos para a ecologização da agricultura urbana é a promoção ativa da agricultura convencional por parte de seus governos, mediante subsídios para a compra de insumos químicos, entre outros, e desestímulo sistemático às práticas ecológicas na agricultura. Em seu texto, Nuppenau descreve as mudanças que considera necessárias na percepção dos planejadores para que dêem uma oportunidade à agricultura urbana ecológica., com seus potenciais efeitos positivos.

Ángeles descreve as diferenças de percepção entre homens e mulheres. Os artigos sobre Cuba, e Argentina tratam do papel dos governos locais no processo de transição para a agricultura ecológica. Nesse processo, várias etapas podem ser identificadas. Galanti propõe um resumo dos passos necessários para isso. Um dos fatores-chave para a agricultura orgânica: composto e estrume. Nas cidades, existem grandes quantidades de resíduos orgânicos, e a compostagem desses materiais é uma boa forma de reciclar os nutrientes, reduzir os custos implicados na disposição desses materiais em lixões e aterros sanitários, e dar aos agricultores acesso a adubos orgânicos e baratos.

Porém o problema com as instalações de maior porte onde se processa a compostagem dos resíduos sólidos orgânicos urbanos é que o preço do produto final pode estar acima dos recursos disponíveis para muitos produtores, obrigando-os, como demonstra o texto de Furedy, a irem buscar materiais orgânicos em lixões onde os mesmos podem estar contaminados com resíduos químicos, hospitalares etc., expondo-os (e os consumidores de seus produtos) a diversos riscos.

O artigo de Getachew revela que existem técnicas simples, de pequena escala, para dar o melhor possível aos resíduos, mesmo que apenas pequenas quantidades

estejam disponíveis.

Além de saber como cultivar alimentos orgânicos, é de crucial importância saber como vendê-los. Vários artigos (ver por ex. o de Vogl e Axmann, o de Travez, o de Santandreu e outros, e o de Small) apontam problemas de comercialização devido à localização, à irregularidade e à sazonalidade da produção, o tamanho e o aspecto dos produtos ecológicos, a falta de confiança dos consumidores na etiqueta "verde", ou problemas com as normas de certificação como "produto orgânico".

A certificação pode converter-se em um tema problemático se os padrões forem fixados pelos países importadores, já que assim exercem enorme pressão sobre os agricultores ecológicos urbanos. Portanto é preciso que os países desenvolvam seus próprios processos de certificação (ver artigo sobre Cuba) e consigam que essas certificações sejam reconhecidas pelos países importadores.

Alguns autores (como Getachew) alegam que a agricultura ecológica estimula a economia local e reduz o uso de energia por meio da reciclagem dos resíduos orgânicos urbanos, reduzindo os custos de transporte e diminuindo a necessidade de embalar os alimentos, já que se oferecem, entre outras razões, produtos frescos e mais baratos.

Nos artigos sobre Cuba, África do Sul, Filipinas e México, são apresentadas iniciativas locais bem sucedidas envolvendo agricultura urbana ecológica, e discutido o papel das associações, dos conceitos de gênero e do extensionismo no processo de transição.

Os artigos sobre o México e Filipinas revelam que as mulheres estão entusiasmadas com a agricultura urbana ecológica e que estão desenvolvendo, entre outras coisas, novas destrezas de manejo.

A necessidade de um debate contínuo.

Levando em conta os artigos que aparecem nesta edição, a transição até a agricultura ecológica parece promissora, ainda que tenham sido identificadas várias limitações. Convidamos todos os leitores a seguirem contribuindo com textos sobre esse tema, já que são muitas as incógnitas e são necessários mais exemplos. Também esperamos receber avaliações críticas de projetos existentes (enfoque, resultados técnicos e econômicos), discussões sobre as estratégias para gerar um maior interesse na agricultura urbana ecológica entre as autoridades dos governos locais e nacionais, e também para gerar mais apoio institucional.

Um ponto de especial interesse e de debate é o tema de gênero. Muitas vezes afirma-se que a agricultura ecológica requer maior intervenção da mão-de-obra, e que a maior parte desse trabalho é feito pela mulher, sobrecarregando ainda mais seu trabalho. Isso também acontece na agricultura ecológica urbana? Quem pode comprovar ou negar essa possibilidade? Como podemos reduzir os efeitos negativos e ampliar os positivos?

Nota

1. O tópico original desta edição seria "Transição para a agricultura urbana ecológica e tecnologias adequadas". Recebemos vários artigos sobre tecnologias, muitos dos quais tinham relação com a agricultura ecológica. Portanto, acabou decidido que este número se centraria mais na agricultura urbana ecológica, e que dedicaríamos outra edição da Revista, provavelmente em 2003, para as tecnologias e capacitação nas práticas da agricultura urbana.